

O campo da sociologia das emoções: relevância acadêmica e perspectivas de análise

The field of sociology of emotions: academic relevance
and perspectives of analysis

Aristides Ariel Bernardo¹

Resumo

Desde o surgimento da Sociologia enquanto ciência, a categoria de análise “emoções” não é vista como objeto autônomo para a compreensão das questões sociais. No entanto, verifica-se uma mudança neste sentido nas últimas décadas, com a emergência de uma área conhecida como Sociologia das Emoções. Nesse sentido, partindo de uma revisão bibliográfica de autores contemporâneos brasileiros das Ciências Sociais, a presente proposta tem por objetivo discutir a pertinência da categoria emoções enquanto objeto de estudos para a Sociologia.

Palavras-chave: Sociologia; Fenômenos Sociais; Emoções. Fenômenos Emocionais.

Abstract

Since the emergence of sociology as a science, the analysis category "emotions" is not seen as an autonomous object to the understanding of social issues. However, there is a change in this direction in recent decades, with the emergence of an area known as Sociology of Emotions. In this sense, based on a literature review of contemporary Brazilian authors of Social Sciences, this proposal aims to discuss the relevance of the category emotions as subject of study for sociology.

Key words: Sociology; Social phenomena; Emotions. Emotional phenomena.

Introdução

As emoções humanas há muito, e ainda hoje, são tidas como reações irracionais produzidas pelo corpo como reflexo instintivo de origem puramente biológica. Pautada principalmente pelos estudos de aspiração em Darwin, as emoções, são comumente vistas² como universais à espécie humana, resultados de adaptação dos ancestrais da espécie a partir do processo de seleção natural. Nesse sentido, algumas emoções e suas expressões, de início executadas, a entender em sua maioria, por necessidade de sobrevivência e adaptação, teriam sido ao longo do processo de seleção natural, e pelo

¹ Licenciado em Ciências Sociais (Licenciatura). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Naviraí-MS, UFMS, Brasil. Bacharelado em Ciências Sociais UFMS.

² Um exemplo é a série *Lie To me*. Logo no primeiro episódio em uma palestra, o personagem Dr. Cal Lightman (Tim Roth), ao ser questionado sobre a possibilidade de as emoções variarem de uma pessoa para outra, ele afirma que: “As emoções são iguais, seja você uma dona de casa do subúrbio, ou um terrorista suicida”

que Darwin chama de “princípios dos hábitos”, firmemente fixadas e herdadas geneticamente³.

Todavia, mesmo com o surgimento da Sociologia enquanto ciência, não se via ou se propunha estudos em que a categoria de análise “emoções” fosse evidenciada como objeto sociológico autônomo de estudos para a compreensão dos fenômenos sociais. Essa categoria, por sua vez, era relegada a segundo plano nas discussões teóricas clássicas das correntes sociológicas, sendo vista apenas como pano de fundo ou um fator que não interferiria ou revelaria traços significantes da esfera social. Sociólogos como Émile Durkheim e George Simmel, são considerados os primeiros a fazer contribuições aos estudos das emoções, embora estes não as trabalhassem de forma particular, evidenciando-as como pertinentes para a compreensão dos fenômenos sociais, sendo encaradas de forma subjetiva e não social. (REZENDE e COELHO, 2010).

No entanto, verifica-se uma mudança neste sentido nas últimas décadas, com a emergência de uma área conhecida como Sociologia das Emoções enquanto campo específico do conhecimento, sobretudo a partir de 1970, conforme abordarei posteriormente.

Baseado no princípio weberiano de ação social podemos afirmar que o ser humano é um ser social, que se relaciona e projeta em certa medida suas ações e comportamentos para o outro, e não um ser isolado do mundo e dos fenômenos a sua volta. Portanto, o homem não age para o nada e não sente para o nada. Seus pensamentos estão sempre voltados para aquilo e aqueles que o rodeiam, projetando seu comportamento, pensamento, ação e emoção para o meio social ao qual pertence. Tais ações não são pautadas apenas a partir de um cálculo social lógico mediado pela razão. As emoções estão tão presentes em nossas ações quanto a própria ação em si. Para tanto, podemos considerar que toda ação do indivíduo, mesmo as emocionais, são providas de sentido, levando aqui em consideração o fato destes sentidos serem aprendidos no convívio social, portanto, carregam em si elementos de racionalidade, o que produz possibilidades emotivas condicionadas socialmente.

Partindo assim da afirmativa de que os fenômenos emocionais são, portanto, também fenômenos sociais, as emoções podem ser entendidas como tema que pode

³ c.f. DARWIN, 2009.

revelar muito sobre um determinado grupo social ou cultural. Tal categoria pode apontar conjuntos de práticas e hábitos diante de sentimentos vivenciados no cotidiano, noções e valores socioculturais etc. Ou seja, assim como outros temas caros às Ciências Sociais, o estudo das emoções pode revelar muito sobre a dinâmica da vida em sociedade, das relações de gênero, de classe, de trabalho, etc.

Assim, tendo em vista o surgimento desta possibilidade de entendimento sociológico, a presente proposta tem por objetivo refletir sobre alguns aspectos das emoções enquanto objeto de estudos que proporciona sua pertinência enquanto categoria válida ao rol de estudos das Ciências Sociais. Para tanto, utilizando-me de métodos qualitativos parto de uma revisão bibliográfica de artigos, livros e teses de autores contemporâneos brasileiros como Koury (2003, 2004, 2009), Coelho e Rezende (2010, 2011), Bonelli (2003) e Torres (2009), almejando um aprofundamento da relevância da categoria “emoções” como objeto de pesquisa e estudo da Sociologia. Nesse sentido, indago algumas questões cruciais quando se fala sobre esta área do conhecimento sociológico. As primeiras questões que podemos suscitar são: qual o conceito de emoções para a sociologia?; o que é, ou o que significa emoções para a sociologia? Ao menos essas foram as primeiras e continuam sendo as principais indagações feitas por mim nos estudos e pesquisas sobre essa área da sociologia.

Dessa forma, faz-se necessário um estudo que busque levantar as discussões, não apenas, acerca do entendimento da relação entre o social e o emocional, numa tentativa de elucidar e compreender a dialética entre eles, ambos entendidos aqui como resultado do processo relacional entre os indivíduos e tudo que compreende o meio ao qual pertencem, mas também de uma categoria explicativa pontual para os conceitos levantados por esse campo.

Da sociologia geral a uma sociologia específica

A Sociologia, desde sua constituição, passou por longas e complexas transformações teórico-metodológicas, congregando em suas várias tendências características e contextos específicos de conjunturas nacionais, ideologias políticas e padrões culturais predominantes em cada período e espaço em que foram cunhadas. É implícita em suas investigações a necessidade de se estudar fenômenos sociais e históricos específicos de lugares e épocas que necessitam de atenção especial para

análise de seus eventos, o que proporcionou, de forma geral, um processo de produção e desenvolvimento de subdisciplinas dentro da própria sociologia, o que viria a ser denominado de "sociologias específicas", ou "sociologias especiais".

Essas "sociologias especiais", a grosso modo, partem dos mesmos princípios teórico-metodológicos da sociologia geral, mas abarcam em suas discussões algumas questões e fenômenos sociais mais específicos, como é o caso da sociologia do trabalho, da religião, da burocracia, a sociologia da família, da saúde, sociologia rural, sociologia urbana, sociologia do conhecimento, do esporte, da arte, entre outras.

Uma das mais recentes subdisciplinas da sociologia geral, e de enfoque neste trabalho, é a chamada "Sociologia das Emoções", que, como o próprio nome sugere, tem como objeto de suas investigações a categoria de análise "emoção". Esta busca identificar o caráter social de nossas emoções, quais os fatores sociais que nos influenciam a sentir determinada emoção, os lugares, a forma como expressamos, e os significados que são atribuídos a cada sentimento, identificando assim, o caráter cultural da construção destas emoções. Para tanto, a sociologia das emoções surge com o intuito de compreender os fenômenos emocionais, a partir de um olhar social, preocupando-se assim "com os fatores sociais que influenciam na esfera emocional" (KOURY, 2009, p. 45).

O estudo das emoções nas Ciências Sociais, segundo Koury (2009), tem seu processo de formação iniciado nos Estados Unidos em meados da década de 1970, com o desenvolvimento da abordagem interpretativa como resposta a paradigmas predominantes da época, ao qual desprezava ou mantinha como pano de fundo as ações sociais individuais e os agentes sociais, bem como a subjetividade social, e as representações desses agentes acerca do plano social e sua vida emocional. Rezende e Coelho (2010, p.14) completam afirmando que:

Nessa perspectiva [abordagem interpretativa], a noção de cultura como padrões de comportamento habituais e tradicionais foi repensada e redefinida em termos de teias de significados, transmitidas por símbolos e interpretadas de maneira específica de sociedade para sociedade. Essa mudança produziu muitos estudos em torno da construção cultural dos significados nas mais variadas esferas da vida social, em particular os conceitos de pessoa e self, bem como das emoções. Esses trabalhos também enfatizavam a articulação entre emoção e concepções de pessoa com as esferas da moralidade, da estrutura social e das relações de poder.

A sociologia das emoções surge assim, como iniciativa de um conjunto de investigadores que encontraram nessa tendência insurgente a capacidade explicativa e interpretativa de se compreender a influência social das emoções, bem como as expressões sociais destas emoções e sua relevância na formação do próprio indivíduo, e seu papel determinante na formação das estruturas sociais (KOURY, 2009). Desse modo, pondera-se que a sociologia das emoções tem como objetivo estudar de que maneira a sociedade influencia ou não no modo como vemos e sentimos o mundo ao nosso redor e a nós mesmos, e vice-versa. Busca-se, assim, analisar quais os fatores históricos e culturais que regulam e nos fornecem subsídios que nos permitem dar sentido a nossos sentimentos, e de que maneira nossas emoções são constituídas e administradas através das relações intersubjetivas da vida social. Tenta-se investigar como as estruturas sociais existentes e o modo pelo qual as sociedades se organizam influenciam na forma como sentimos e atribuímos valor, significado e sentimentos às "coisas" em nossa vida. Ou seja, tem a intenção de investigar como nossas emoções são constituídas socialmente e como o social interfere e influencia na esfera emocional, e as emoções na esfera social.

As emoções, como indica Machado (2003), são um fenômeno que se caracteriza de forma muito complexa, tendo explicações e estudos sobre seus eventos em diversas áreas do conhecimento, principalmente no que tange às áreas da biologia, da neurociência e da psicologia, e, como aqui apresentado, também pela Sociologia. Todavia, se ressalta que, "cada área, por sua vez, adota uma perspectiva, tem seus próprios pressupostos e uma forma diferente de pensar sobre o assunto" (MACHADO, 2003, p.13).

A perspectiva de cunho socio-culturalista, ou construtivista sociocultural, coloca as emoções como sendo processos aprendidos dentro da sociedade a qual pertencemos, através da interação com o outro dentro do processo de socialização. Deste modo, Pereira (2010, s.p) argumenta que:

Tal como a linguagem, as emoções são uma construção social que exigem aprendizagem e que, por isso, dependem da cultura em que o indivíduo está inserido e variam no espaço e no tempo. O conjunto de regras de cada cultura especifica o tipo de emoções que se manifestam em cada situação e a forma como se devem demonstrar. Em cada cultura e para cada cultura há uma linguagem da emoção específica que é reconhecida por todos aqueles que nela estão inseridos.

As mais atuais tendências de estudos dentro da sociologia que visam às emoções, partem de uma perspectiva sociocultural das emoções como explicação social para os fenômenos emocionais, na tentativa de demonstrar, assim, que o modo como vemos e sentimos o mundo ao nosso redor e todos os fenômenos recorrentes de interações sociais, são constituídos no seio destas mesmas interações, que regem nosso comportamento, e que nos ensinam como nos portar diante do outro.

Vale lembrar que a sociologia é uma ciência com objeto e métodos específicos. Assim, não pode se basear mimética e metodologicamente em outras ciências para realizar análises sobre seus objetos de estudos, mesmo que o objeto em si possa, assim como as emoções, perpassar por diversas áreas do conhecimento. Nesse sentido, a sociologia que tem como objeto de estudos as emoções deve buscar propor estratégias específicas da área para o estudo desse fenômeno.

Sabemos que a sociologia trabalha em grande parte de seus estudos com conceitos, termos e expressões que visam definir e expressar um evento ou um fenômeno social, propondo uma aproximação do real por meio de categorias explicativas. Pode-se aclarar, assim, que, as principais dificuldades encontradas ao se deparar com estudos voltados para as emoções dentro da sociologia, estão localizadas, a princípio, na conceitualização de o que vem a ser ou significar a categoria de análise "emoção", o seu principal objeto de estudos.

Constata-se desse modo que, nos inúmeros estudos sociológicos voltados para esse objeto, muito pouco, ou nada, tem-se voltado à preocupação de se desenvolver uma taxonomia ou significado conceitual objetivo para o que vem a ser emoção do ponto de vista da sociologia. Obras de autores contemporâneos brasileiros, que discutem a problemática das emoções, aos quais são os principais aportes teóricos deste estudo, por exemplo, iniciam suas obras de maneira direta e objetiva na problematização e discussões por eles propostas.

Dessa forma, é abordado o que vem a ser a sociologia das emoções, como é abordada as emoções por autores clássicos da sociologia geral e da própria sociologia das emoções, bem como suas principais perspectivas analíticas, ou também investigações sobre emoções específicas, como o luto, o medo, a vergonha, a amizade e a até mesmo o amor, demonstrando quais os fatores sociais e históricos que nos influenciam a sentir e atribuir significado a essas emoções. Todavia, grosso modo,

desconsideram um aspecto significativo de total relevância para uma maior compreensão de seus estudos, o de não buscarem aplicar em seus trabalhos o que a sociologia entende por emoções ou nos proporcionar seus entendimentos acerca da conceitualização destas mesmas emoções específicas a qual se dedicam. Dessa maneira, permanece à luz do conhecimento de quem obtém um primeiro contato com a sociologia das emoções e suas principais discussões uma vaga compreensão pautada principalmente no conhecimento do senso comum, sobre o que se entende acerca de emoções enquanto categoria sistemática de análise.

Perspectivas teórico-analíticas emergentes da sociologia das emoções

A sociologia das emoções nas bases de sua emergência não se dá de forma harmoniosa, e foi desenvolvida a partir de conflitos e tensões entre tendências e perspectivas que tentavam formular melhores caminhos para se explicar o fenômeno emocional, e adequar suas investigações na relação entre emoção e sociedade (KOURY, 2009).

Podemos considerar que a sociologia das emoções possuiu duas grandes tendências teóricas de análise das emoções, que divergiam significativamente no modo como viam, construíam e analisavam o objeto, que por sinal era o único ponto em comum que possuíam entre si. No entanto, havia modos diversos de ver as emoções mesmo dentro destas duas tendências, ou seja, dentro de si mesma havia diferenças de pontos de vistas e disposições particulares de se perceber, abordar e discutir o seu objeto de investigação. Por um lado, isso gera o embate e um maior número da produção teórica de cada tendência devido ao processo de "concorrência" em que cada perspectiva busca se afirmar; e, por outro, uma fragmentação dentro da disciplina, que pode ser considerado prejudicial para uma sistematização mais sólida de teorias sociais das emoções.

Koury (2009), nos apresenta brevemente, segundo a concepção de Kemper (1990, p.11), estas duas grandes perspectivas teóricas como sendo uma de cunho positivista e outra com "feições antipositivistas". Ou seja, a primeira analisa as emoções dentro da sociologia concebendo mais importância aos aspectos biológicos e fisiológicos em relação aos substratos sociais, partindo de uma concepção teórico-metodológica positivista. No entanto, a segunda, se prostraria para os aspectos

socioculturais das experiências emocionais, valorizando os sentidos subjetivos que os próprios atores sociais atribuiriam aos fenômenos emocionais através das relações sociais criadas e desenvolvidas na sociedade e na cultura as quais pertencem. Desta forma, para esta segunda posição as emoções são uma construção social (KOURY, 2009).

Já, Torres (2009) nos apresenta e discorre de forma mais sucinta sobre essas duas tendências utilizando-se dos termos biossocial ou universalistas para a primeira perspectiva apresentada anteriormente, de cunho positivista. Isso porque estes valorizam os aspectos biológicos das emoções, e, numa releitura evolucionista darwiniana e psicanalítica, afirmavam que as emoções são inatas aos seres humanos, e estão pré-fixadas no organismo, e os fatores sociais seriam apenas estímulos externos na mobilização das emoções, regulando em maior ou menor grau a expressão do que é sentido. A segunda, denominada como socioculturalistas ou construtivistas, de características não positivista, apresentam um caráter social das emoções numa afirmativa de que, assim como a linguagem e o comportamento social, as emoções são aprendidas e mediadas através da interação com o outro no meio em que o indivíduo se apresenta.

Desse modo, a concepção biossocial ou evolucionista das emoções, defendida por pioneiros da sociologia das emoções nessa perspectiva teórica como Theodore D. Kemper (1987, 1989a, 1989b, 1990) e Jonathan H. Turner (1975, 2001, 2005) defendem, segundo Torres (2009, p.17):

[...] uma posição cientificista (segundo o modelo da ciência natural) e afirma a preponderância do substrato biológico sobre os fatores sociais. Propõe também, que as emoções são indissociáveis da história evolucionária da espécie, estão pré-fixadas no organismo humano [...].

Desse modo, de forma sintética, todas as emoções e suas formas de expressão, encontradas em sociedades e culturas específicas e em épocas distintas, possuem por excelência, bases biológicas, e mesmo emoções mais complexas, e que "aparentemente" possuem suas origens na construção do social, não passam de derivações e combinações das chamadas "emoções primárias"⁴. Portanto, assim, o meio apenas nos relega a

⁴ Emoções primárias nas discussões biossociais (evolucionista/universalistas) apesar da grande contradição entre teóricos desta tendência sobre quais emoções são consideradas primárias, pode ser entendida como emoções básicas, primordiais para a sobrevivência da espécie desde suas origens. Alguns

significação que daremos à situação, nos dá os fatores para apresentar as emoções, que por sua vez já são pertencentes ao ser humano e aparecem e são sentidas a partir da situação dada, como se por extinto, para que possamos nos preparar para reagir.

Apesar da breve definição exposta a partir da obra de Torres (2009), podemos ter um conciso panorama de que para os dois teóricos citados acima, suas investigações partem do pressuposto de que as emoções humanas são semelhantes, independentemente dos substratos sociais e culturais, que por sua vez obtêm um caráter secundário na manifestação das emoções. Assim, "apesar da aparente diversidade com que se manifestam concretamente nas diferentes culturas e subculturas, existe um substrato fisiológico que é inerente ao organismo da espécie", (TORRES, 2009, p.95), reduzindo assim os fatores sociais à condição de estímulos que mobilizam disposições que são inatas ao organismo.

Entretanto, em destacável oposição, há os teóricos intitulados socioculturalistas, ou construtivistas das emoções, como Arlie Hochschild (1975, 1979, 1990, 1997, 2003) e Steven Gordon (1981, 1990), dentre muitos outros, que partem do pressuposto de que as emoções variam de acordo com a sociedade e a cultura em que o indivíduo está inserido. Ambos são críticos vivazes do universalismo. Apesar de não negarem o fato de o biológico e o fisiológico terem atuação na manifestação das emoções, criticam o fato de atribuir-se a essas duas concepções - biológico e o fisiológico - toda atenção, numa afirmação convicta de que são suficientes para se esclarecer todas as questões da esfera emocional. Neste ponto, portanto, essa perspectiva teórica é definida por dar atenção ao processo de interação dos agentes sociais e as configurações das emoções a partir dos processos de socialização, focando-se nos fatores sociais que influenciam a esfera emocional, bem como, a forma com que as emoções atuam na esfera social. Assim, segundo Torres (2009), para Hochschild, o que de fato importa para esta corrente teórica, não é se existem semelhanças universais entre as emoções, nem o processo evolucionário das emoções, e sim os aspectos da emoção que diferenciam os grupos sociais de seres humanos (TORRES, 2009).

Hochschild trabalha com a ideia de:

autores colocam estas emoções primárias como sendo a raiva, o medo, a tristeza, a alegria e o afeto, mas não há um consenso sobre quantas, nem exatamente quais emoções são primárias dentre os próprios integrantes desta tendência.

[...] enfatizar a perspectiva sociológica das emoções, relacionando os sentimentos como raiva, luto, deferência, inveja, afeto, alegria, culpa, entre outros, a fatores e contextos sociais, adquirindo características externas em vez da visão que os mantêm isolados no interior das pessoas. (BONELLI, 2003 p.358)

Segundo Koury (2009, p.46), Gordon, dentre outros, vêm o início da sociologia das emoções constituída desde os clássicos como Marx, Weber e Simmel, considerando como precursores chaves para o nascimento desta disciplina, os clássicos da sociologia francesa, Durkheim e Mauss. Para Gordon "a estrutura social influencia as esferas do comportamento e dos aspectos motivacionais das emoções, enquanto a cultura alcança os aspectos de qualidade e intensidade no processo de fixação das emoções" (Koury, 2009, p.48), onde estes seriam definidos como um "aprendizado social de sensações corporais, nos quais gestos e sentidos estão conectados com o processo de relações sociais e, sempre, no interior de um dado processo cultural" (Koury, 2009, p.48). É apontado assim, por Koury (2009, p.49) que:

A sociologia de origem durkheimiana, [...] tem influenciado em muitos sentidos a análise de vários autores no interior da sociologia das emoções. Para estes autores, a análise sociológica desenvolvida em suas fronteiras, ajudou a aprofundar os significados da intersubjetividade, bem como as relações entre as análises macro e micro e, em certo sentido, a sociologia das emoções pode ser considerada, enquanto campo disciplinar, herdeira desta tradição.

Apesar dos conflitos e embates teóricos diretos, tanto da perspectiva analítica construtivista, que apesar de não negarem os substratos biológicos e psíquicos das emoções, mas no entanto, criticar ferozmente a tendência biossocial, por relegar atenção exclusiva às questões neurobiológicas no desenvolvimento das emoções, deixando os estímulos sociais e culturais à margem ou como pano de fundo no estudo das emoções, ou o contrário, de uma tendência à outra, vale ressaltar que ambas foram de grande importância para a consolidação dessa tão debatida disciplina. Claro que cada um com seu ponto de vista particular, e teorias várias dentro de suas tendências teórico-analíticas, o que se põem como fator enriquecedor para as mais variadas discussões realizadas desde então acerca das emoções como elemento de investigação da sociologia.

Koury (2009) cita também outros autores contemporâneos que foram de suma importância para o desenvolvimento e consolidação da sociologia das emoções. É o caso de Thomas Scheff (2002, 2002a, 2006, 2008), Suzanne Retzinger (1991, 1995), Suzan Schott (1979) dentre outros. Esses autores não viam nos clássicos da sociologia

geral precursores desta disciplina em questão, pois para eles, os clássicos da sociologia, como Durkheim, não deram a devida atenção para o que chamou de "emoção social", ou George Mead, que não desenvolveu em sua psicologia social o conceito de emoções, apesar de considerar um ingrediente importante para seus estudos, e Parsons, que elege a emoção como um dos "quatro componentes básicos da ação social" em suas análises teóricas, sem dar uma atenção mais rigorosa a esta categoria. Sendo assim, esses autores clássicos relegaram a relevância das emoções em suas investigações a segundo plano, e possuíam em seus esquemas teóricos apenas o papel de pano de fundo (KOURY, 2009, p.61-62). Para tanto, pode-se afirmar que:

[...] os sociólogos clássicos e as diversas escolas no interior da sociologia geral, apesar de conseguirem identificar as emoções como um processo social, e até diagnosticarem a importância da temática para a análise do social, não conseguiram avançar nos estudos das emoções e suas relações com o social (KOURY, 2009, p. 62).

Para os autores desta tendência, portanto as emoções realmente ocuparam um papel de destaque nos estudos da sociologia a partir dos trabalhos de Norbet Elias (1990, 1993), Helen Lynd (1958) e Richard Sennett (1972, 2001). Isso porque, estes três autores citados partem do pressuposto de que a sociologia das emoções deve se aprofundar em pesquisar sobre emoções específicas, que no caso dos três seria a "vergonha" (KOURY, 2009, p.62). Assim, partindo de uma emoção específica, como:

A emoção vergonha e suas variantes, como o embaraço, a humilhação, a baixa autoestima, a falta de autoconfiança, entre outras, bem como os conceitos estreitamente correlacionados ao ato de envergonhar-se, como o sentimento de honra, o sentimento de orgulho, e o autorrespeito, formariam, deste modo, o centro básico, e o núcleo compreensivo da cultura emocional no social, na análise sociológica e antropológica das emoções. (KOURY, 2009, p. 62).

A partir deste modelo podem ser citados, como será apresentado em seguida, alguns (mas) autores (as) contemporâneos (as) brasileiros (as), que em seus estudos se dedicam às emoções específicas e suas variantes para a compreensão das mais variadas peculiaridades da vida social, sua constituição e organização.

Breve contexto de emergência da sociologia das emoções no Brasil

O interesse pelo estudo das emoções, constituindo-se um campo próprio de investigações, vem se desenvolvendo gradualmente no Brasil desde os anos 1990, dando-se ênfase na capacidade da emoção em dialogar com a vida social, onde essas

mesmas emoções podem surgir ou variar de acordo com o lugar em que cada sujeito ocupa na sociedade. (REZENDE e COELHO, 2010)

Rezende (2002a, 2002b,) "a partir do final dos anos noventa do século passado, adota a antropologia das emoções enquanto linha de pesquisa específica para estudar a questão da amizade" (KOURY, 2009, p.74). Ao utilizar uma abordagem relativista Rezende realizou uma análise comparativa sobre a amizade em Londres e no Rio de Janeiro, partindo da premissa da construção cultural das relações de amizade, tomando-as como conceitos locais, articulados a questões sociais mais amplas, ressaltando a relação entre amizade, emoção e hierarquia. Em pesquisas mais recentes (2003, 2006, 2009) investigou a elaboração subjetiva da identidade brasileira entre professores universitários que estudaram no exterior, onde pode destacar “tanto o aspecto emotivo presente nessa construção identitária quanto emoções ligadas à experiência de ser estrangeiro” (COELHO e REZENDE, 2011, p.19).

Coelho (2001, 2003, 2006a, 2006b, 2008) trabalha com a temática das emoções sob três eixos principais: os sentimentos e expressões de fãs na idolatria e a relação entre amor e fascínio nas experiências de fãs; a dádiva nas trocas de presentes entre patroas e empregadas das camadas médias cariocas, onde aborda a obrigatoriedade e espontaneidade das trocas materiais e a capacidade micropolítica das emoções no processo da dádiva de dramatizar e modificar as relações entre doador e receptor a partir da posição social que cada autor da relação ocupa (COELHO e REZENDE, 2011). Assim, ao estudar o conceito de dádiva na contemporaneidade, Coelho "[...] procura compreender os princípios, as normas e as regras que norteiam a troca de presentes e discutir a dádiva como tática usada para a construção de identidades e demonstração de emoções" (KOURY, 2009, p.74).⁵

Outro nome de suma importância para a sociologia das emoções no Brasil é o de Koury (2003a, 2003b, 2005a, 2005b, 2007a, 2007b, 2008, 2009), que em suas discussões aborda questões sobre a formação das emoções e estudos sobre emoções específicas como luto, a dor e os medos corriqueiros nas grandes cidades brasileiras, bem como suas representações na construção do indivíduo, onde “procura compreender as mudanças e as permanências, os conflitos e as ambivalências, nos modos de vida e no imaginário urbano brasileiro, a partir dos anos setenta do século XX” (KOURY, 2009,

⁵ Coelho e Rezende coordenam o Grupo de Pesquisa Transformações da Intimidade e o Núcleo de Antropologia das Emoções (Nante) na UERJ.

p.76). Na antropologia visual trabalha com imagens e constituição de emoções, onde o autor busca de forma concisa e sistemática "um aprofundamento das relações entre a imagem e as formas de sociabilidade. E, nestas relações, trabalha, principalmente, com uma análise crítica da fotografia e de suas relações com a problemática dos sentimentos" (KOURY, 2009, p.76). Koury também investiga a relação entre os medos vivenciados nas cidades contemporâneas brasileiras onde vem realizando "uma série de investigações sobre a emoção medo no urbano brasileiro contemporâneo. Nos seus estudos parte da hipótese, [...], de que a emoção medo é uma construção social significativa para a análise do social." (KOURY, 2009, p.76). A revista Brasileira de Sociologia das Emoções (RBSE), coordenada pelo prof. Koury é atualmente o maior esforço de consolidação dessa área no país. Pois foi desenvolvida com o intuito de ceder um espaço definido para estudos que buscam as emoções como elemento de discussão. Objetivando assim, ser um veículo de sistematização de tais pesquisas, o que acarretaria um maior rigor no desenvolvimento metodológico e conceitual da categoria dentro das ciências sociais.

A sociologia das emoções é um campo historicamente recente, e possui uma vida mais curta ainda em âmbito nacional. No entanto, nota-se um esforço dos autores previamente citados aqui, dentre inúmeros outros, de buscar consolidar esta disciplina no Brasil, apresentando a importante relevância da categoria emoção e das emoções específicas nos estudos e investigações da sociologia, nos permitindo entender de forma científica e sistemática este fenômeno que por muito se acreditava ser algo dotado de irracionalidade, provido por instintos primitivos dos seres humanos.

Outros esforços de consolidação desse campo no Brasil é a realização de grupos de trabalhos nas principais reuniões científicas de Antropologia e Ciências Sociais. É o caso da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Ciências Sociais (Anpocs), e a Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), que na sua última versão, realizada em Montevideo – Uruguai, no final de 2015, contava dentre seus 128 Grupos de Trabalhos (GTs) um destinado às emoções. Intitulado "*Teorizar lo emotivo: antropología y emoción en la esfera profesional, institucional y pública*", o GT trazia uma diversidade considerada de temas que abarcava as emoções em contextos específicos da vida cotidiana e no cenário do trabalho, na constituição da identidade de gênero, nas lutas políticas, no processo de luto, dentre outros. Embora ainda seja uma

área pouco conhecida dentro das ciências sociais, é notável, hoje, a variedade de estudos sobre emoções específicas em contextos vários da vida cotidiana, mas não me deterei a tal no presente trabalho.

Ademais, tais esforços buscam construir as emoções como um objeto das ciências sociais, inserindo-as no rol daquelas dimensões da experiência humana as quais, apesar de concebidas como "naturais", possuem uma lógica social, que a certo ponto nos dita ou regula nosso comportamento emocional, na forma como sentimos, o porquê sentimos, para quem expressamos nossas emoções etc., estando assim, “muito longe de serem refratárias à ação da sociedade e da cultura”. (REZENDE e COELHO, 2010, p.12).

Considerações finais

Não desqualificando os inúmeros avanços e particularidades de outras áreas, ou desconsiderando os impactos neurobiológicos das emoções em nosso organismo, as Ciências Sociais propõem que essa não é a única maneira de se conceber e perceber aquilo que sentimos. Para tanto, pode-se afirmar, levando em consideração a concepção variável das emoções a depender de cada sociedade e cultura, que nossas emoções são, portanto, provenientes de um processo educacional, sendo assim, resultantes das mais diversas modalidades da socialização social e particular de cada indivíduo. Sendo considerada um conjunto de sistemas e códigos simbólicos resultantes do emaranhado de teias de relações sociais, as emoções seriam, assim, aprendidas. Cada um dentro do conjunto sociocultural a qual pertence é preenchido para mais ou para menos com as informações acumuladas em seu grupo referente a cada situação e a forma como é esperado que cada um reaja emocionalmente de acordo com cada situação, a variar também, como mostram estudos mais recentes, de acordo com a posição social que cada um ocupa no grupo ao qual pertence. Assim, as emoções podem ser consideradas esquemas ou padrões resultantes da interação com o ambiente social e cultural, aprendidos e internalizados desde cedo e acionados de acordo com cada contexto (REZENDE e COELHO, 2010).

As emoções, destarte, pelo menos para as Ciências Sociais, não são consideradas estados absolutos, passíveis de transposição de um grupo a outro, mas devem ser pensadas e tratadas considerando-as resultados das interações humanas, de acordo com

o contexto local. Desse modo, as emoções podem ser percebidas como fazendo parte de um sistema de valores e de significados próprios a cada grupo social.

Considerando tais concepções, pode-se assim questionar e problematizar a ideia que se atribui às emoções um caráter inato, natural à sobrevivência da espécie, como o amor, que contribuiria para a perpetuação da espécie, o medo como mecanismo automático de defesa, nos permitindo evitar situações de risco, ou mesmo a raiva que incitaria a defesa pessoal, contribuindo também para a sobrevivência.

Segundo Elias (1993), ao argumentar sobre o potencial de sentir medo, não desqualifica tal estado à natureza humana. No entanto, argumenta que o modo como cada grupo dará forma e vida e atribuirá significados a essa capacidade de sentir medo vai depender de circunstâncias históricas e culturais. Nesse sentido, podemos tomar como exemplo de nossa sociedade ocidental contemporânea o medo de perder o emprego, de “cair na miséria”, o temor de não ser bem-sucedido em uma carreira profissional de prestígio etc.

Koury (2008), nesse sentido, vai estudar e discutir os medos presentes no imaginário dos habitantes da cidade de João Pessoa-PB, e as formas de constituição social do medo no imaginário da cidade, compreendendo a categoria medo como um fenômeno histórico e socialmente construído, sendo visto como uma das principais forças organizadoras das sociedades contemporâneas, sendo um sentimento que regeria em grande medida o comportamento humano, tendo em vista que em qualquer forma de sociabilidade o medo faz parte da experiência social.

De outro lado, o amor, seria visto como importante para a manutenção da espécie e proteção da prole, permitindo uma coesão entre membros da espécie. Mesmo que o sentimento de amor possa ser hoje encontrado em vários, ou em todos os lugares, seria inadequado afirmar que se ama ou se expressa tal sentimento da mesma forma, e sem dúvidas, não se dá a ele os mesmos lugares e importâncias nos vínculos sociais, o que segundo Rezende e Coelho (2010, p.126) “evidencia a particularidade histórica e cultural dessa estreita associação que o ocidente moderno realizou entre amor e casamento”. Nesse sentido, não só a concepção de amor moderno e o ciúme atrelado a ele é pautado por “regras” que legitimam ou reprovam atitudes que são ou não esperadas dentro de um relacionamento, que por vez é regrada por expectativas e reciprocidade.

Para finalizar, devo justificar que a proposta aqui apresentada, em suma pela limitação no que se refere ao número de páginas, não se propôs a trabalhar especificamente como determinada emoção se entrelaça no seio das relações sociais. O trabalho aqui exposto foi realizado como um esforço inicial de adentrar o desenvolvimento da sociologia das emoções como campo de investigação, com o objetivo de demonstrar a pertinência de tal categoria no rol de estudos das Ciências Sociais.

Para tanto, percebo que a Sociologia das emoções foi desenvolvida e consolidada por grandes embates teórico, principalmente de duas grandes perspectivas, como discutido anteriormente. Mas tal busca por legitimação de um campo analítico para a investigação das emoções acabou por demonstrar a legitimidade do objeto como possível de ser trabalho nas Ciências Sociais, partindo-se principalmente de métodos e técnicas próprios da disciplina.

Referências

BONELLI, Maria da Gloria. Arlie Russell Hochschild e a sociologia das emoções. **Cadernos Pagu**, n. 21, p. 357 a 372, 2003.

COELHO, Maria Claudia. Sobre agradecimentos e desagradados: trocas materiais, relações hierárquicas e sentimentos. In: Gilberto Velho e K. Kuschner (orgs). **Mediação, cultura e política**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2001.

_____. Dádiva e emoção. Obrigatoriedade e espontaneidade nas trocas materiais. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, v.2, n. 6, 2003.

_____. Emoção, gênero e violência: experiência em relatos de vitimização. **RBSE - Revista Brasileira de Sociologia das emoções**, v.5, n.13, p.39 a 57, 2006a.

_____. **O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2006b.

_____. Teorias de um mundo sem qualidades: interpretações sobre a subjetividade contemporânea. **Cadernos de Psicanálise (Círculo Psicanalítico/RJ)**, v. 21, p. 317 a 322, 2008.

COELHO, Maria Claudia; REZENDE, Claudia Barcellos [org.]. **Cultura e sentimentos: ensaios em antropologia das emoções**. Rio de Janeiro, Editora Contracapa / FAREJ, 2011.

DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais**. 1. ed. 2. reimp. Prefácio: Konrad Lorenz. Tradução de Leon de Souza Lobo Garcia. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2 vols. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990 e 1993.

GORDON, Steven L. The sociology of sentiments and emotions. In: **Social Psychology: Sociological Approaches**, ed. By M. Rosenberg and R. Turner, Basic Books, 1981.

_____. Social Structural Effects on Emotions. In: Theodore D Kemper (ed.). **Research Agendas in the Sociology of Emotions**. Albany, New York: Sunny Press, p. 145 a 179, 1990.

HOCHSCHILD, Arlie Russel. The sociology of Feelings and emotions: Selected possibilities. In: Marcia Millman y Rosabeth Moss Kanter (eds.). **Another Voice. Feminist Perspectives on Social Life and Social Science**. Garden City, New York, Press/Doubleday, 1975.

_____. Emotion work, feeling rules and social structure. **American Journal of Sociology**, v. 85, n. 3, p. 551 a 575, 1979.

_____. Ideology and Emotion Management: A perspective and path for future research. In: Theodore D. Kemper (ed.). **Research Agenda in the Sociology of Emotions**. Albany, State University of New York Press, p. 117 a 142, 1990.

_____. **The time bind: when work becomes home and home becomes works**. New York. Metropolitan Books, 1997.

_____. **The commercialization of intimate life: notes from home and work**. Berkeley. The University of California Press, 2003.

KEMPER, Theodore D. Many emotions are there? Wedding the social and the autonomic component. **American journal of Sociology**, n. 93 (2), p. 263 a 289, 1987.

_____. Themes and variations in the sociology of emotions. In: _____ **Research agendas in the Sociology of Emotions**. Albany, New York: Sunny Press, p. 3 a 23, 1989a.

_____. Social relations and emotions: A structural approach. In: _____ **Research agendas in the Sociology of Emotions**. Albany, New York: Sunny Press, p. 207 a 237, 1989b.

_____. **Themes and Variations in the Sociology of Emotions**. Albany, Sanny Press, 1990.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia das emoções. O Brasil urbano sobre a ótica do luto**. Petrópolis, Vozes, 2003a.

_____. O sofrimento social como experiência à distância. Uma reflexão sobre os silêncios da fotografia. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, v.2, n. 4, p. 4 a 33, 2003b.

_____. **Introdução à Sociologia das Emoções**. João Pessoa, Manufatura / GREM, 2004.

_____. **Amor e dor: ensaios em antropologia simbólica**. Recife, Edição Bagaço, 2005a.

_____. **Medos corriqueiros e sociabilidade**. João Pessoa, Editora Universitária, 2005b.

_____. **Sofrimento social: movimentos sociais na Paraíba através da Imprensa, 1964 a 1980**. João Pessoa, Editora Universitária, 2007a.

_____. A noção de medo na visão dos moradores da cidade de João Pessoa – PB. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, v. 6, n. 16, p. 58 a 86, 2007b.

_____. **De que João Pessoa tem medo? Uma abordagem em antropologia das emoções**. João Pessoa, Edições do GREM, Editora Universitária da UFPB, coleção cadernos do GREM, nº5, 2008.

_____. **Emoções, sociedade e cultura: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na sociedade**. Curitiba, Editora CRV, 2009.

Lynd, Helen. **On shame and search for identity**. New York, Harcourt, 1958.

MACHADO, Hilka Vier. A abordagem das emoções no âmbito das organizações. **Alcance - UNIVALI** - Vol. 9, n. 1, p 11 a 35, 2003.

PEREIRA, Sara Silva. **Processos emocionais**. 2010. Disponível em:
<http://www.notapositiva.com/pt/apntestbs/psicologia/12_processos_emocionais.htm>.
Acessado em: 09/05/2014.

RETZINGER, Suzanne. **Violent Emotions**. Newbury Park, Sage, 1991.

_____. Identifying shame and anger in discourse. **American Behavioral Scientist**, n. 38, p. 104 a 113, 1995.

- REZENDE, Claudia Barcellos. **Os significados da amizade: duas visões de pessoa e sociedade**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002a.
- _____. **Mágoas de amizade: Um ensaio em Antropologia das Emoções**. Mana, v. 8, n. 2, p. 69 a 89, 2002b.
- _____. O brasileiro emotivo: reflexões sobre a construção de uma identidade brasileira. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, v. 2, n. 4, p. 93 a 112, 2003.
- _____. Saudades de casa? Identidade nacional no prisma da antropologia das emoções. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, v. 5, n. 14/15, p. 122 a 136, 2006.
- _____. **Retratos do estrangeiro: identidade nacional, subjetividade e emoção**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- SCHEFF, Thomas. Unpacking the civilizing process: shame and integration in Elias work. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, v. 1, n. 1, p. 26 a 42, 2002a.
- _____. Goffman on Surface and Interior. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, v. 1, n. 3, p. 292 a 311, 2002b.
- _____. **Goffman Unbound! A new paradigm for social science**. Boulder, Paradigm Publishers, 2006
- _____. Share and community: social components in depression. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia das Emoções**, v. 7, n. 19, p. 11 a 41, 2008.
- SCHOTT, Susan. Emotion, and social life: A symbolic interactionist analysis. **American Journal of Sociology**, v. 84, n. 6, p. 1317 a 1334, 1979.
- SENNETT, Richard. **The Hidden Injuries of class**. New York, Vintage Books, 1972.
- _____. **Autoridade**. São Paulo, Record, 2001.
- TORRES, Marieze Rosa. **Hóspedes Incômodas? Emoções na sociedade norte-americana**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Bahia. Brasil, 2009.
- TURNER, Jonathan H. **Symbolic studies: Annual review of anthropology**, v. 4, p. 145 a 161, 1975.
- _____. **Toward a general sociological theory of emotion Journal for the Theory of Social Behavior**, v. 29 (2), p. 133 a 161, 2001.
- _____. Theodore Kemper's power-status model. **The Sociology of Emotions**. Cambridge University Press, p. 216 a 220, 2005.